



Aprendizado agroecológico em rede com a metodologia camponês a camponês

Fernanda Amorim Souza¹, Karoline Ferreira Coelho², Philippe Alves Rolemberg Caetano³, Edmar Ramos de Siqueira⁴, Marília Andrade Fontes⁵

¹Licenciada em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), mestra em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Analista da Embrapa Tabuleiros Costeiros. E-mail: fernanda.amorim@embrapa.br; ² Bacharel em Ciências Sociais e mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: karolinecoelho@gmail.com; ³ Bacharel em Agroecologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: philipe_floresta@hotmail.com; ⁴ Engenheiro Florestal e mestre em Ciência Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e doutor em Ciências Florestais pela Universidade Federal do Paraná (UFP). Pesquisador da Embrapa Tabuleiros Costeiros. E-mail: edmar.siqueira@embrapa.br; ⁵ Engenheiro Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), mestre em Agroecossistemas e doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: marilia_fontes@yahoo.com.br.

Resumo: A experiência Camponês a Camponês, realizada no Território Sul Sergipano, se desenvolve desde 2012 e tem como objetivo potencializar o processo de construção do conhecimento agroecológico por meio de intercâmbios em redes de agroecologia, em territórios de identidade rural. Está amparada nos princípios da educação popular, de reconhecer e partir da realidade dos sujeitos, da construção coletiva de conhecimentos, do respeito aos diferentes saberes, da horizontalidade nas relações e da garantia de participação de todos os envolvidos no processo. O seu funcionamento se estabelece nas etapas de identificação, sistematização e intercâmbios de experiências entre agricultores/as agroecológicos/as e/ou em processo de transição e teve como principal resultado a consolidação de redes territoriais de aprendizagem agroecológica que incentivam a alteração ou melhorias das práticas, estabelece relações de solidariedade e “cria conhecimentos” que são compartilhados por todos.

Palavras-chave: agroecologia; horizontalidade; sistematização de experiência; intercâmbios.



1. Introdução

Desde 2012 o uso e adequação da metodologia *Campesino a Campesino* tem impulsionado a formação de redes e a promoção de processos de aprendizagem, congregando agricultoras/es, técnicas/os, pesquisadoras/es e estudantes no Território Sul Sergipano.

A experiência, que ficou localmente conhecida como “camponês a camponês”, se inicia em torno do projeto de pesquisa-ação *Construção do Conhecimento Agroecológico em Territórios de Identidade Rural por meio de intercâmbios em Redes Sociais* (CCAT), liderado pela Embrapa Tabuleiros Costeiros, contando com amplas e imprescindíveis parcerias, como o Centro de Formação Agropecuária Dom José Brandão de Castro (CFAC), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal de Viçosa (UFV), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e Movimento Camponês Popular (MCP). Teve/tem por objetivo potencializar o processo de construção do conhecimento agroecológico por meio de intercâmbios em redes de agroecologia em territórios de identidade rural. O projeto é resultado de um processo iniciado no âmbito do Colegiado do Território Sul Sergipano, onde se formou a Rede Social de Aprendizado (RSA), que visava o incentivo e promoção da diversificação da produção, a proteção dos recursos naturais como solo e água e a autonomia com relação ao mercado, produção de insumos como sementes e adubos e vias alternativas de comercialização, em contraposição à “identidade” de monocultura citrícola da região. As identidades reais do território colocaram a agroecologia como ferramenta fundamental na construção de um referencial de apoio ao fortalecimento da agricultura camponesa.

Reafirmamos o entendimento de que a agroecologia é ciência, prática e movimento e em nossa experiência educativa essas três dimensões se comunicam, redefinindo e revalorizando posições e papéis, promovendo o diálogo e a mudança. Reforçamos com a prática que

[...] a Agroecologia fomenta a criação e o desenvolvimento de novos dispositivos metodológicos voltados para a produção de conhecimentos, de forma que os potenciais intelectuais de agricultores e agricultoras sejam valorizados em dinâmicas locais de



inovação, capazes de articulá-los com os saberes científicos institucionalizados (PETERSEN, 2009. p.93).

A metodologia Campesino a Campesino¹ garante a efetividade desse diálogo de saberes na construção de soluções agroecológicas, pois tem como centro a dinâmica dos intercâmbios, onde os camponeses experimentadores se visitam mutuamente para as trocas e promove momentos onde todos têm muito que ensinar e sempre algo pra aprender. A interlocução entre pares tem sido fundamental para a consolidação de redes, onde se constrói, além de aprendizagem, relações de reciprocidade e amizade. O princípio fundamental da metodologia é o estabelecimento de relações horizontais. Ela expressa a objetivação da proposta freireana de construção do conhecimento mediado pelas contradições da realidade, onde educando e educador se confundem, assumindo a posição de sujeitos do aprendizado em oposição à estrutura vertical de sujeito x objeto - técnico x agricultor. “La metodología campesino a campesino es probablemente mejor descrita como una pedagogia que se sustenta por la práxis campesina” (HOLT-GIMENES, 2008, p. 109).

Tem sido utilizada em vários países da América Latina, como Nicarágua, El Salvador, Guatemala, México e Cuba, onde tem apresentado resultados importantes nos processos de transição agroecológica nestas sociedades, trabalhando com a seguinte estrutura: o camponês que já tem alguma experiência com a Agroecologia e desenvolve soluções, transforma-se em um promotor das suas práticas e a partir de intercâmbios onde ele visita o lote de outros agricultores/as e/ou recebe visita destes, se estabelece um ambiente para a aprendizagem e a construção do conhecimento agroecológico.

Não há dúvida de que esta metodologia mostrou-se um instrumento simples, que conseguiu dinamizar a transmissão horizontal e a socialização do conhecimento e as

¹ Essa metodologia tem origem nas comunidades Maya Kaqchikeles de Chimaltenango na Guatemala. Em 1972 houve uma experiência de um extensionista, que trabalhava para a Organização Não-Governamental (ONG) norte-americana *Vecinos Mundiales* nestas comunidades: o profissional havia desenvolvido técnicas eficientes para a produção de milho empregando adubação orgânica e práticas de cultivo adequadas para o terreno, tendo resultados mais favoráveis que os das plantações que usavam fertilizantes químicos. Esses insumos industriais haviam degradado o solo e endividado os pequenos agricultores. Como o extensionista não falava a língua local e somente alguns poucos camponeses falavam o espanhol, a maneira de fazer os agricultores conhecerem suas experiências foi através de demonstração e experimentação das práticas por alguns camponeses. Vendo os rápidos e satisfatórios resultados, os agricultores experimentadores se encorajaram a compartilhar suas experiências com vizinhos e outros agricultores (HOLT-GIMENEZ, 2008).



boas práticas, de um camponês para outros. E, também, pesquisadores e dirigentes, o que proporcionou um diálogo de saberes com um sentido mais profundo de pertença e mais compromisso social (SOSA et al., 2012, p.66).

Em Sergipe, a metodologia se estabeleceu a partir da identificação, sistematização e intercâmbios de experiências entre agricultores/as agroecológicos/as e/ou em processo de transição que resultou na consolidação das redes de aprendizagem.

2. Como se dá essa experiência e de que modo ela se relaciona com os princípios da educação em agroecologia?

A organização das redes começou efetivamente a partir de 2012, com a aprovação do projeto na Embrapa e em 2013 teve o aporte do programa de Assessoria Técnica, Social e Ambiental (ATES) do INCRA operacionalizado pelo CFAC. Os técnicos extensionistas elaboradores da proposta junto a Embrapa foram contratados pelo programa e a metodologia Camponês a Camponês se inseriu na política pública, prevendo serviços e metas e fortalecendo o trabalho no território. Essa inserção significou um avanço muito grande por potencializar com recursos humanos e financeiros a realização do trabalho.

Marcaremos aqui a descrição e análise de cada uma das etapas (não lineares) de execução da metodologia, dialogando sobre sua relação com os princípios pedagógicos da Educação Popular no geral e da Educação em Agroecologia em particular.

- **Identificação dos agricultores:**

Para a identificação das primeiras experiências foi realizado um trabalho conjunto com os atores da extensão rural que atuam no Território e conhecem as famílias camponesas, onde foram sugeridas aquelas que possuíam alguma experiência em transição agroecológica. A partir daí a identificação se dava pela indicação dos pares. As experiências concretas são reconhecidas, pois ensinam, orientam e inspiram outras experiências. Nesse primeiro passo marcamos também um primeiro princípio da educação popular e da construção do conhecimento agroecológico: reconhecer e partir da realidade dos sujeitos. Só dessa forma é possível olhar e agir de modo contextualizado,



dialogando com a realidade e buscando responder a situações concretas. A partir das experiências reconhecemos a diversidade de práticas, de valores e de conhecimentos presentes no território. Reconhecemos também que é na dinâmica da vida concreta, acontecendo em sua complexidade que se localizam os processos de resistência local e comunitário se contrapondo à hegemonia cultural e econômica das monoculturas que disputam o território.

3. Sistematização das experiências

Após a escolha do local do intercâmbio, a equipe do projeto faz uma visita de sistematização e elabora um boletim com o relato da experiência que será visitada. Esses boletins trazem a história de vida e de luta dos camponeses/as, registram sua trajetória pela conquista da terra e a sua resistência expressa no modo de produzir, se relacionando em harmonia com a natureza. Traz a cultura, a organização, expõe outra racionalidade econômica como traço presente no seu jeito de viver, produzir e reproduzir do campesinato. Durante os intercâmbios, o boletim é lido e corrigido pela família e representa sempre um momento de muita emoção. Um sentimento de identidade paira nos rostos pensativos e comumente, nas lágrimas: “Eu me reconheço nessa história”.

Esse momento de sistematização marca um segundo princípio: a construção coletiva de conhecimentos. Na perspectiva da educação popular, a sistematização de experiências é o produto de um esforço de interpretação teórico contextualizado na realidade específica, que busca se libertar de esquemas teóricos mais gerais. É, portanto, um contraponto aos modelos de interpretação e intervenção externos, que nem sempre dão conta de evidenciar corretamente a complexidade das relações e ações sociais. Os esforços iniciais de sistematização se dão ao questionar esses modelos e reafirmar um novo contexto teórico para a realidade local. Num esforço que busca transcender a separação entre teoria e prática, minimizando o papel do “especialista” que interpreta a prática social a partir das suas referências. A reflexão sobre a prática se dá por todos os atores envolvidos, num processo de construção participativa de novos conhecimentos.



A experiência na educação popular coloca a sistematização como uma nova modalidade de produção de conhecimento, em que as reflexões não vêm das teorias ou modelos predefinidos, mas a partir do olhar crítico dos protagonistas das ações. Em outras palavras, não se aplica à prática o que está formulado na teoria, mas se constroem as reflexões teóricas tendo como ponto de partida a reflexão sobre a prática. Nas ciências sociais, a sistematização ampara um novo paradigma epistemológico para a produção do conhecimento da realidade (JARA, 2012).

No nosso processo, a sistematização é igualmente importante para o reconhecimento e valorização da diversidade. Diversidade de conhecimentos, práticas e formas de organização que são responsáveis pela conservação da biodiversidade e das culturas tradicionais. Esse processo visa à valorização e visibilidade das práticas agroecológicas, mas, sobretudo, das pessoas, das relações que se estabelecem e enfocam a busca por autonomia como sobrevivência e resistência. A sistematização pode promover processos de transformação, quando se traduz, a partir da reflexão, em clareza para a ação: “Conhecer a realidade para transformá-la”.

- Intercâmbio de conhecimentos:

Os intercâmbios são o coração das redes, onde ocorrem as trocas e o encontro de saberes. Todo o processo é educativo, mas o intercâmbio é o espaço de materialização das experiências e dos aprendizados, onde o desejo de compartilhar o que se aprende resulta em aprendizagem no ato de compartilhar. Aqui se socializam as técnicas, as estratégias e remontam a processos tradicionais da cultura camponesa, como a prática de mutirões, por exemplo.

Os princípios de educação popular que norteiam esse processo se evidenciam de várias maneiras: é nessa troca que se estabelece o respeito aos diferentes saberes, a horizontalidade nas relações e a garantia de participação de todos os envolvidos no processo. Um dos maiores aprendizados dessa caminhada é o reposicionamento de papéis. No início, alguns técnicos e pesquisadores não entendiam sua função ou importância no processo (acostumados que estamos de sermos o centro da importância). O grupo amadureceu um entendimento de que a metodologia representa uma nova proposta para a extensão rural agroecológica e, nesse sentido, é marcante a fala de um técnico bastante



experiente no modelo convencional de ATER que, num momento de avaliação das redes, revelou: “Eu vivi a época dos pacotes e me sinto descontaminado. Estou bem inserido numa rede assim”.

Nos intercâmbios se materializa a articulação dos saberes, a indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão e representa o movimento da aliança entre teoria e prática. A palavra complexidade caiu com muita intensidade para os participantes desse processo, pois se tornou a própria tradução dos acontecimentos. Era necessário se encontrar sem especialização, se incomodar, se reinventar...

Com a realização dos intercâmbios foram se estabelecendo as redes territoriais. Após a realização de dez intercâmbios em cada uma das redes é realizada uma devolutiva para a avaliação e sistematização do processo. Uma dessas redes (Estância/Sta Luzia do Itanhy), a partir das discussões promovidas em cada intercâmbio sobre o conceito de agroecologia, estabeleceu seus princípios a partir das seguintes questões: O que é ser um/a agricultor/a agroecológico/a? Quais práticas (ou vontade) devem ter os/as agricultores/as que nós queremos envolver nessa rede? Plantar sem veneno; Não usar fogo, cuidar do solo; Plantar de tudo um pouco para não ter que comprar; Diversidade; Autonomia de insumos para adubação; Controle alternativo de pragas; Ter e saber usar as árvores; Aproveitar mato para cobertura; Troca de saberes, soberania e segurança alimentar; Respeito e Valorização da Mulher; Integração da agricultura e criação de animais; Respeito à natureza; Rotação de culturas. Esses princípios nortearam a busca de experiências que já demonstraram soluções nesses temas.

Em 2014, ao realizar sua reconstrução histórica², o grupo constatou que antes da rede “havia a necessidade e a vontade de trabalhar agroecologia, mas não havia conhecimento” ou “onde já existia experiência consolidada, havia a necessidade de compartilhar essas experiências” e “tinha medo de entrar nesse caminho (novidade)”. Com a caminhada, o grupo define a rede como “uma escola, onde todos puderam aprender e ensinar e criar conhecimento”, significa, sobretudo, “um processo de conscientização, de abrir a mente”, que “incentiva e traz motivação para as famílias”. “É uma festa agroecológica!”³.

² Como exercício na nossa participação no Curso Virtual de Sistematização de Experiências promovido pelo Programa Latinoamericano de apoio à Sistematização (PLAS) do Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe (CEAAL) entre março e julho de 2014.

³ Falas dos próprios agricultores/as na oficina de reconstrução histórica da rede.



A seu modo, os intercâmbios, as rodas de diálogos e os círculos de cultura⁴ questionam a estrutura do modelo de organização da sociedade e vão construindo um lastro de resistência coletiva. No isolamento, os agricultores/as se sentem inseguro/as, vislumbrando sua inserção na ordem social imposta como única: “Talvez eu não ganhe um salário mínimo, mas eu vivo melhor do que quem ganha. Se não fosse pela rede e pela consciência que ela me trouxe, eu podia tá ganhando um salário mínimo das plantações de eucalipto”. Com essa fala, o agricultor sintetiza toda a importância dos intercâmbios e da conexão em rede para o processo de resistência camponesa na construção da agroecologia.

4. Considerações finais

É evidente que existem muitos desafios, e destacaria dois deles: a resistência e contradição de parceiros que, num primeiro momento, se colocaram discursivamente, mas na prática têm dificuldade de romper com as relações verticais e começam a promover ações de desestabilização do processo. O outro é a autonomia das redes com relação à logística para a realização dos intercâmbios, pois a mobilização e infraestrutura ainda são garantidas por projetos (EMBRAPA e CFAC).

Mas são muitos os avanços: se consolidou uma coordenação composta pelos agricultores/as que respondem operativamente pela rede; existe um mapeamento dessas experiências no território; a metodologia foi ajustada para a realidade territorial; parcerias foram realizadas; algumas redes estão consolidadas e outras estão sendo iniciadas; os intercâmbios e oficinas estão acontecendo (já são mais de sessenta). O processo desencadeou também novas articulações para a comercialização e certificação dos produtos, além de dar visibilidade aos camponeses e sua organização.

Não poderia deixar de destacar como resultado que essa rede segue em movimento se reinventando diante das adversidades e a cada instante tem mais uma história para contar.

Referências

⁴ Metodologias também utilizadas durante os intercâmbios e as oficinas de devolutiva.



FREIRE, P. *Extensão ou comunicação*. Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. 15^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Tradução de Lilian Lopes Martin. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011^a.

HOLT-GIMENEZ, E. *Campesino a campesino: Vozes de Latino América Movimiento Campesino para la Agricultura Sustentable*. Manágua: SIMAS, 2008.

JARA, O. *La Sistematización de Experiencias: práctica e teoría para otros mundos posibles*. Peru, 2012.

PETERSEN, P (org.) *Agricultura familiar camponesa na construção do futuro*. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009.

SOSA, B. M.; JAIME, A. M. R.; LOZANO, D. R. A.; ROSSET, P. M. *Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês da ANAP em Cuba*. ANAP. 2011.

SOUZA, F.A. *Aprendizado agroecológico na reforma agrária em Sergipe: práticas camponesas e interlocução com a ATER no Assentamento Paulo Freire II*. 2014. 122f. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Sergipe. 2014.

ANEXOS



Figura 1 - Intercâmbio da rede CaC, 2015.
Fonte: Arquivos projeto CaC, Embrapa Tabuleiros Costeiros.



Figura 2 - Oficina de Reconstrução histórica da Rede, 2014
Fonte: Arquivos projeto CaC, Embrapa Tabuleiros Costeiros.



Figura 3 – Círculo de Cultura, Rede CaC, 2013.
 Fonte: Arquivos projeto CaC. Embrana Tabuleiros Costeiros



Figura 4 - Boletim de experiência agroecológica